

## **PROJETO GUIGNARD**

Carlos Alberto Gonçalves Dias é residente em Ouro Preto.

Entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2001, no Museu Casa Guignard.

Gélcio: Seria bom que você fizesse um depoimento livre sobre a vinda da sua família para Ouro Preto, para morar na casa da família Aleixo, onde iria residir Guignard, já então com as ações organizadas pela Fundação Guignard.

Carlos Alberto: Meu pai foi convidado pra vir morar em Ouro Preto, pela Fundação Guignard, devido à amizade com Lúcia Machado de Almeida, José Maria de Alckmin e Pedro Aleixo. Saí de Belo Horizonte revoltado, porque a nossa juventude estava começando. Eu adorava o Bairro Cruzeiro, onde morava. Entrei em Ouro Preto chorando. O Departamento de Estradas de Rodagem trouxe nossa mudança. Nós tínhamos as opções de morarmos na casa do Roberto Lacerda, nas Lajes, na casa dos inconfidentes ou na de Antônio Dias.

Gélcio: O que seus pais faziam em Belo Horizonte?

Carlos Alberto: Meu pai era “chofer de praça” havia mais de 35 anos e investigador da Polícia Civil, além de arrendar um restaurante. Éramos três irmãos: eu, o Antônio Carlos e o João. Sou seis anos mais velho que o Antônio Carlos e três mais que o João. Nessa época eu estava com 14 anos e viemos de malas prontas, com transferência, com tudo, pra cá.

Gélcio: Então suas memórias de Guignard, suas lembranças começam já no casarão da família Aleixo, na Praça Antônio Dias?

Carlos Alberto: Nós chegamos, Guignard nos foi apresentado. Mobiliamos a casa toda, à exceção de uma cama que Guignard já tinha.

Gélcio: Como era essa cama?

Carlos Alberto: Era em estilo antigo.

Gélcio: Era pintada?

Carlos Alberto: Era desenhada por ele. Com anjinhos e flores. O quarto era mobiliado segundo o seu estilo pessoal. Havia um guarda-roupa, ele pintava tudo. Gostava de coisas singelas, flores, desenhos, estrelas, conchinhas, etc. Mamãe tomava conta da casa e cozinhava. Guignard tinha dieta especial, balanceada. Para mim era como se ele fosse membro da família, pois não havia separação entre as coisas. Por exemplo, eu me levantava, tomava café e saía para jogar bola e correr. Guignard gostava muito dos meus irmãos mais novos, o João e o Antônio. Eu já era mais de rua, não parava muito em casa. Mas o respeitava. Só que ele não gostava quando eu batia nos meus irmãos.

Gélcio: Qual a impressão que você tinha de Guignard naquele período?

Carlos Alberto: Seu aspecto não era bonito. Era austero, não gostava muito de brincadeira. Mas era um homem bom e honesto. Meu pai trabalhava na Praça

Tiradentes, com o carro que havia ganhado numa rifa, um *Chevrolet Belair 56*. Ia para a Praça, voltava, almoçava, mas sempre estava em casa. A parte da tarde reservava para sair com Guignard.

Gélcio: Guignard, na época, tinha uma *Rural*?

Carlos Alberto: Sim, uma *Rural Willys 1960*, 0 km. Ele utilizava o carro para sair e pintar em locais mais distantes. Íamos aos distritos de Lavras Novas, Botafogo...

Gélcio: Você poderia descrever esses passeios?

Carlos Alberto: Eu me lembro bastante. Nos fins de semana, papai gostava de ir a Lavras Novas. Ele tinha um amigo de lá, Adão. Então a gente passava o dia todo. Enquanto Guignard ficava pintando em frente à igreja, nós íamos chupar jabuticaba, jogar bola, correr, brincar. Ele almoçava com o pessoal de lá e conosco. Só voltávamos no final da tarde, depois de terminado o quadro. Quando Guignard estava em Ouro Preto, nós o acompanhávamos. Papai ia ao Rosário e às Cabeças, em horas programadas, onde Guignard pintava com frequência. Algumas vezes era necessário retornar ao local para terminar um quadro.

Gélcio: Em Lavras Novas ele pintava dentro do arraial ou parava na estrada, no caminho?

Carlos Alberto: Não, dentro do arraial. E aqui era nos bairros, no Alto da Cruz. Em todos os lugares ele pintava, sempre acompanhado por papai, que tinha a função de tomar conta dele, não deixar que ninguém se aproximasse. Guignard era muito bom e até inocente. Era fácil tomar um quadro dele. Se ele gostasse de alguma moça e ela pedisse, ele dava o quadro na hora. Algumas vezes íamos a Cachoeira do Campo. Ele gostava de dar umas voltas e lembro-me que pedia: “‘Seu’ Correia, dá para o senhor dar uma volta, hoje, vamos passear?” O carro e as despesas eram por conta dele, mas não fazia imposição nenhuma. Guignard era como se fosse um irmão mais velho. E quanto à convivência com ele, foi das melhores possíveis, porque ele era muito afeiçoado a minha mãe.

Gélcio: O que sua mãe fazia, na casa?

Carlos Alberto: Mamãe gostava muito de cozinhar. Fazia as comidas de que ele gostava, em especial a sobremesa que adorava, arroz doce.

Gélcio: Você se lembra dessas comidas? Do gosto de Guignard?

Carlos Alberto: No dia em que ele foi para Belo Horizonte, para fazer tratamento, na porta ele virou-se para minha mãe e disse: “Ô D. Célia, eu não vou morrer não, ainda venho comer seu arroz doce”. Eu me lembro como se fosse hoje. Infelizmente nunca mais voltou. Mas durante o período em que convivemos, Guignard procurou até me entusiasmar. Eu gosto muito de pintura, ele me ensinava, ensinava os meninos. Nessa época a revista *Manchete* fez uma promoção de desfile de vestidos longos. Então resolveram fazer o lançamento lá em casa. Foi feito na sacada, com mulheres bonitas, manequins e junto com Guignard. Em uma das fotos, está Guignard apontando, com uma vareta que ele usava para pintar e meus dois irmãos, o Antônio Carlos e o João

posando de lado. Foi um sucesso. A partir dessa época a casa ficou muito movimentada. A D. Lúcia vinha quase todos os fins de semana. O retrato dela, que está no Museu Guignard, foi pintado lá. Lembro-me também que Guignard gostava da brincadeira de adivinhar coisas na hora do café da manhã. Ele chamava meus irmãos, principalmente o pequeno, o João, para ir ver, na mesa, o ovo, que quebrava e despejava num copo de água. Dizia ver coisas ali. E gostava de contar histórias. Nós fomos nos acostumando. Ele era diferente, faltava-lhe o “céu da boca”, falava fanhoso. Mas sempre muito elegante, bem vestido, bem arrumado, não gostava de ficar de chinelos, isso acontecia raras vezes. Gostava de sapatos largos, o número era 42.

Gélcio: Ele andava muito de terno?

Carlos Alberto: Não. Nos últimos tempos ganhou um blusão, um *blazer* de cor avermelhada, com o qual andava sempre. Em várias fotos dele em casa, na sacada, está com essa roupa.

Gélcio: Você tem fotos dele?

Carlos Alberto: Não, não tenho. O que eu tinha dele era o cavalete que me emprestou umas duas semanas antes de falecer, pois estava me ensinando a pintar. Quando parou por alguns dias, pôs o cavalete no meu quarto, que era anexo ao dele. Lá em cima só dormíamos eu e ele.

Gélcio: Quer dizer que o segundo piso era ocupado por Guignard e por vocês?

Carlos Alberto: Só por Guignard. Eu dormia lá porque não gostava de dormir em baixo. A casa era toda em estilo barroco, as cristaleiras, os móveis, tudo. Era muito bonita. Existem, inclusive, peças até hoje. Eu tenho em minha casa uma penteadeira de mais de 50 anos, os móveis eram todos torneados. Havia cristais e porcelana tcheca. Na parte de baixo e na de cima tinha um banheiro muito bom, altíssimo, de uns 3 a 4 metros de altura. As portas todas eram altas. Em cima ficava também a radiola. Guignard gostava muito de música, principalmente de música clássica, de Beethoven, de Bach. Ouvia sempre as coleções que levou quando foi morar conosco.

Gélcio: Fora o período que Guignard estava trabalhando, em casa ou em outro lugar, o que costumava fazer em seus momentos de lazer?

Carlos Alberto: Gostava de poesias, escrevia poesias, tudo para ele era encanto. Gostava muito de ser cortejado. As meninas o adoravam. Guignard chegava à sacada. Ele já sabia à hora certa que ia começar a aula da Escola Normal, que funcionava na *Escola Marília de Dirceu*. Então as meninas iam chegando e, exatamente em frente à minha casa, começavam a baixar o cós da saia, porque não podiam entrar de saias curtas, tinha que ser abaixo dos joelhos. Lembro-me que, ao final das aulas, Guignard estava sempre com um lenço na mão, branquinho, acenando, mandando beijos para as meninas. E me pedia: “Compra bala pra mim, que eu vou dar para as meninas”. Era comum ele ter sempre suas musas inspiradoras. Havia muitas moças bonitas em Ouro Preto.

Gélcio: Quem, de Ouro Preto, freqüentava a casa?

Carlos Alberto: De Ouro Preto mesmo, o pessoal vizinho. Tenho lembrança do “seu” João Pinheiro, que era farmacêutico, do José Geraldo Pereira, que foi vereador. Alguns pintores. Scliar ia bastante, tornou-se grande amigo, pintou até um retrato do meu irmão. Na época ele estava estudando com Guignard. Outros artistas que freqüentavam a casa foram o Estevão e um pintor japonês, acho que era o Takaoka. O Jair Inácio também ia algumas vezes, papai o conhecia. Se alguém quisesse visitá-lo, tinha que ser com autorização de papai, ele tinha que estar presente para saber do que se tratava.

Gélcio: Nessa época você se lembra se Guignard era boêmio, saía à noite, freqüentava bares?

Carlos Alberto: Não, isso é mentira. A partir do momento que a Fundação foi criada e que nós entramos para tomar conta de Guignard, não aconteceu mais. Ele nunca mais tomou um gole, nem sequer de cerveja, porque tinha, de manhã, o café. Eu me lembro do café dele, um tipo de *breakfast*, com laranja, principalmente, mamão, bolo, café com leite. Ele se alimentava muito bem. O único incidente que me lembro foi o dia que entrou um homem vindo de fora. Mamãe desconfiou da intenção dele, porque estava querendo que Guignard assinasse uns papéis. Imediatamente o meu irmão mais novo correu à Praça Tiradentes, chamou meu pai, que o expulsou.

Gélcio: Que tipo de papéis era?

Carlos Alberto: Era uma documentação, mas não tenho a mínima idéia do conteúdo. Alguma falcatura, porque papai reagiu com violência. Ele devia ter uns 37, 38 anos, era paulista. Alguma coisa errada devia estar acontecendo. Depois que passou a morar conosco, Guignard levava uma vida saudável, não bebia e nem fumava mais. Tinha horário para dormir, dormia cedo. Acordava cedo e, um detalhe que ninguém sabe, Guignard nunca tomava banho quente, só banho frio, gelado. Podia estar o tempo que fosse e, naquela época, o frio em Ouro Preto era muito forte, principalmente em julho. A gente chegava a bater queixo, na rua São José, de tanto frio. Eu sei porque saía para ir ao cinema a semana toda e me lembro que Guignard não sentia frio. Outro fato que aconteceu é que, além da paleta, ele havia me emprestado um livro de Eça de Queiroz. Ali havia anotações suas e, na segunda página, uma receita de como pintar. Guignard não pintava apenas com tinta comum, costumava misturar pigmentos. Ele saía sempre com meu pai para buscar terra vermelha.

Gélcio: Óxido de ferro?

Carlos Alberto: Exatamente. Ele misturava e punha ovo, eu me lembro de alguns detalhes. Durante vinte e tantos anos guardei o livro e a paleta, mas desapareceram.

Gélcio: Como foi quando Guignard morreu, você se lembra?

Carlos Alberto: Eu me lembro que a morte de Guignard me chocou muito. Quando me lembrei da voz dele, falando com minha mãe: “Ô Dona Célia, eu não vou morrer não, eu ainda venho comer seu arroz doce”, as lágrimas vieram e dei escândalo, foi preciso que me tirassem do cemitério.

Gélcio: Ele adoeceu de repente?

Carlos Alberto: Foi uma semana para Belo Horizonte e depois chegou a notícia da morte.

Gélcio: Ele morreu às 7 da manhã...

Carlos Alberto: Pois é. Antes das 10 horas o pessoal da Fundação chegou lá em casa. Lacraram o quarto dele com tudo do jeito que estava. Alguns objetos estavam fora: o cavalete, meias, blusas, sapatos e alguma roupa por lavar. Em vida nunca apareceu um parente. Uma semana ou duas depois começou a aparecer um cara que se dizia da família. A Fundação Guignard tirou os pertences, os 18 quadros - alguns inacabados - e levou para Belo Horizonte. Apareceram depois os herdeiros, que ficaram com tudo.